



In: Educação & Linguagem, S.J. dos Campos, 7: 200-216, 2003. ISSN 1415-9902

## **O PLANEJAMENTO NO ENSINO BÁSICO & o compromisso social da educação com o Letramento**

**Luiz Antonio Gomes Senna** \*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Senna@senna.pro.br

*RESUMO: A questão do Letramento no Ensino Básico exige uma tomada de posição da escola com um todo, em favor do desenvolvimento interdisciplinar e cooperativo de estados cognitivos que permitam ao aluno construir uma identidade enquanto leitor de mundo. Este texto apresenta uma abordagem do Letramento no contexto escolar, que visa a satisfazer as necessidades dos sistemas públicos de Educação no Brasil, nos quais concorre uma complexa tensão entre valores sociais que necessitam convergir no sentido da tolerância e da interculturalidade.*

*Palavras-Chaves: Letramento, planejamento interdisciplinar, modos do pensamento*

O problema da alfabetização em países de cultura predominantemente oral, como no caso brasileiro, transcende em muito a já clássica concepção do processo construtivista de alfabetização, centrado no processo específico do desenvolvimento da lecto-escrita. A apropriação da leitura e da escrita – na

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, onde desenvolve estudos na área de Letramento, no Grupo de Pesquisa Linguagem, Cognição Humana e Processos Educacionais (vinculado ao G.P. Linguagem, Comunicação e Cognição / GrPesq UERJ-090). Este artigo contém o texto integral de palestra proferida em encontro de Professores da 1ª Coordenadoria Regional da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em 08/08/2002, reunindo princípios desenvolvidos no âmbito do Projeto de Pesquisa *A formação do Professor Integrado à Escola Construtivista através da Linguagem*.

concepção normalmente privilegiada pela cultura acadêmica e escolar – implica necessariamente um mergulho profundo em um mundo dominado por valores sócio-culturais perante os quais, antes de mais nada, é preciso antever uma relação de possível pertencimento. As circunstâncias sociais extra-escolares que definem o modelo cultural dos jovens brasileiros, particularmente os oriundos das grandes massas de cidadãos em estado de exclusão e marginalização, tendem a competir, com vantagem, contra a escola, especialmente por imputar aos alunos um sentimento de não pertencimento à sociedade alfabetizada.

Este texto nos apresenta uma conversa com professores do Ensino Fundamental, no entorno da qual são abordados dois aspectos centrais do trabalho escolar com crianças, jovens e adultos dos sistemas públicos de Educação no Brasil, a saber: o papel dos professores de todas as áreas na formação intelectual do aluno contemporâneo e o conceito de Letramento, como um processo interdisciplinar que atua nos modos do pensamento e se vincula à identidade integral do sujeito escolar. O conceito de Letramento ora apresentado introduz significativas contribuições ao sentido ordinariamente associado à alfabetização, permitindo agregar o projeto pedagógico de formação de leitores de mundo uma dimensão interdisciplinar que se manifesta concretamente no projeto político pedagógico de cada escola e no planejamento da experiência curricular dos diversos professores. Não se trata, em

hipótese alguma, de um novo paradigma de alfabetização construtivista e sim, do resgate de questões de natureza antropológica e sócio-cognitiva diretamente relacionadas às necessidades específicas de sociedades de cultura predominantemente oral e sob forte influência de fatores de exclusão.

As considerações apresentadas a seguir foram dirigidas a professores da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, mas, tenho certeza, você, professor, vai se identificar aqui.

*Qual o sentido da Educação Formal na sociedade brasileira contemporânea? Que papel o professor deve imprimir a seu trabalho cotidiano com o aluno do Ensino Fundamental? – Eis aí duas questões que nos vêm acompanhando nas escolas todos os dias, quanto mais nas Escolas Públicas, onde a complexidade social se mostra de forma cada mais avessa a práticas escolares tradicionais. Professor, encontre aqui um extrato de algumas das considerações que devemos trazer para nossa prática na escola, dirigidas, sobretudo, a um dos momentos mais críticos de nossa vida profissional: o planejamento da experiência curricular.*

Refletir sobre o processo de planejamento é das tarefas mais difíceis de todo professor. É claro que HOJE EM DIA refletir sobre o planejamento não está apenas difícil... está desesperador!! Todo dia, em todas as escolas, há pelo menos um professor se perguntando: “*Bolas, o que eu estou fazendo aqui, se esses alunos não querem nada, não aprendem nada, não têm um pingão de*

*educação, só faltam se matar?? E por mais que eu tente, parece que menos se interessam pela minha aula!! Ahhh, num 'güento' mais isso, não!!...".* E assim vamos nós, um por um, nos revezando e nos consolando uns aos outros. Porém, por mais que nos questionemos, trazemos outra coisa em comum: a certeza de que no ano que vem vamos estar todos lá de novo, mesmo que fazendo a mesma pergunta... Sabe por que? Porque somos professores e, antes de tudo, sabemos o que queremos para o resto de nossas vidas: estar na escola, com os alunos. Refletir sobre o planejamento não é, para nós, professores, um ato burocrático ou mecânico, que se reduza a pensar em como dar aula. É muito mais do que isso: é o ato de pensar o resto de nossas vidas. Por isso, eu gostaria de lhes convidar a refletir sobre o planejamento, a partir de um ponto de vista diferente, interessado, obviamente, no futuro do aluno, mas centrado em uma discussão que toma do próprio professor como verdadeiro agente de formação do aluno, um papel social que lhe é inerente e inalienável. Então, a indagação fundamental toma novo formato, deixando para trás aquela tradicional e inócua questão de “*como ensinar?*”, para substituí-la por “*qual o papel do professor na vida dos alunos de hoje em dia?*”.

E, então, professor... qual o nosso papel na vida daquele aluno que parece fazer de tudo para nos enlouquecer? Que tal se pensássemos na possibilidade de tomar aquela nossa pergunta inicial (... *o que estou fazendo aqui?*...) com uma outra formulação, como por exemplo:

*“O que aquele comportamento tão estranho  
dos alunos denuncia?”*

Bom, bastou mudar a formulação da pergunta e já podemos perceber que resgatamos os alunos para nosso mundo de professores, porque o seu comportamento deixa de ser uma ameaça desesperadora, para se transformar em objeto de pesquisa. Por enquanto, isso não mudou nada, porque eles continuam nos enlouquecendo, mas já conseguimos olhá-los como professores, desconfiados de que por ali deve haver alguma coisa a se descobrir e a se aprender. Então vamos à etapa seguinte: hipóteses!

Para responder à pergunta reformulada, não devemos sair em busca de respostas e sim, de hipóteses, porque esse nosso aluno irrequieto é capaz de contrariar qualquer coisa que um dia alguém já tenha pensado antes. Aliás, às vezes, eles são tão esquisitos, que nos dá vontade de levantar logo a hipótese de que manifestam aquele tipo de comportamento, simplesmente, porque não querem nada com a escola, com a vida, nem consigo mesmos! Desista dessa hipótese, colega... no ano que vem você vai voltar e encontrar todos os alunos na escola de novo. Tentar responder nossa pergunta desta forma, só vai contribuir para empurrar nossos problemas para o ano seguinte. Pensemos em outra hipótese...

Uma outra hipótese seria a de tratar o comportamento geral

do aluno como produto de um meio cultural, ou de uma conjuntura econômica, ou de qualquer outro fator de natureza social que justifique a criação de uma geração de jovens deteriorados e sem perspectiva de vida. Haveria até quem fosse além disso, levantando a tese de que, por força de todas essas circunstâncias sociais, os alunos tornam-se incapazes de pensar e de construir conhecimentos escolares. Esta hipótese tem um apelo popular *enorme!!*, porque, de fato, a sociedade nos dá sinais a cada dia, de que o jovem não tem muito mais em que confiar, exceto nas múltiplas formas de violência com que é obrigado a conviver, desde a violência física, à violência moral, ética, enfim, tantas violências. É possível que as violências vividas pelos alunos expliquem o seu comportamento social e muito de seu comportamento intelectual, mas se trata de uma explicação que não satisfaz o nosso cotidiano enquanto professores, porque estaríamos abdicando de nosso papel na formação daqueles sujeitos.

À medida que nós próprios estamos sujeitos às mesmas violências sociais vividas pelos alunos, tendemos a ceder à hipótese de que os alunos sejam resíduos de uma sociedade que os destruiu, porque isso parece nos dar uma resposta para os sentimentos de fracasso e impotência, seja como o professor que se frustra a cada conselho de classe, seja como cidadão, que se frustra a cada nova violência social. Todavia, na realidade, ao assumir esta hipótese, costumamos nos sentir ainda mais angustiados, porque os alunos nos apresentam duas contra-hipóteses incontestáveis:

1. apesar de descrentes na sociedade e em suas instituições, apesar de toda a violência que vivem, os alunos ainda depositam na escola e nos professores uma confiança que, muitas vezes, não depositam em mais nada existente sua vida;
2. apesar de não se saírem bem nas provas, ou de não reagirem da forma como a escola julga adequada, os alunos sempre nos revelam uma forma inusitada de mostrar sua inteligência e um incrível potencial criativo.

Como, então, conviver, ao mesmo tempo, com a hipótese de que a sociedade já se encarregou de destruir aqueles alunos, com a percepção de que eles estão esperando algo de nós e com a certeza de neles haver uma inteligência que lhes proporciona plena capacidade de construir conhecimentos? Esta é a verdadeira questão que mais nos aflige e, também, aquela que nos leva todos os anos de volta à escola, como professores e não, como meros funcionários de uma instituição qualquer. Pois, então, colega, que tal pensar em uma hipótese que nos permita entrar na sala de aula com a certeza de que, para além de tudo lá fora, a Educação Formal tem um papel na vida daqueles alunos?

Para elaborar uma hipótese que nos seja favorável, é preciso antes de mais nada tomar algumas premissas básicas:

### **PREMISSA 1**

Todo aluno é capaz de construir conhecimentos, ainda que demonstre isto através de formas que a escola não compreende ou legitima.

### **PREMISSA 2**

Toda inteligência se organiza de modo a interagir com um contexto social, de modo que compreendê-la só é possível quando se tem o desejo de compreender com que mundo o sujeito interage.

### **PREMISSA 3**

O tipo de experiência de mundo que a escola leva ao aluno é completamente diferente do mundo que a maioria das crianças brasileiras vivem no seu cotidiano social.

### **PREMISSA 4**

O contexto escolar convive diariamente com dois modos de construir conhecimentos: um modo que pertence à cultura escolar e um modo que pertence à cultura cotidiana, extra-escolar.

Uma hipótese embasada nas premissas acima parte do pressuposto de que a primeira conduta a ser adotada pelo professor



é a de acreditar na inteligência do aluno, o que nos leva a procurar em cada comportamento estranho, em cada erro, um complexo sistema cognitivo que nos permita compreender como o aluno está pensando. Para a escola, isto é muito difícil, porque sua concepção acerca da inteligência humana está fortemente presa à concepção de um modelo de comportamento intelectual, construído em conjunto com toda uma cultura científica de experiência social, na qual se convencionou compreender certos padrões de comportamento como aceitáveis ou corretos, em detrimento de uma infinidade de outros tantos padrões de comportamento, tomados como incorretos, inaceitáveis, insalubres, ignorantes etc. Assim, enxergar no comportamento do aluno uma inteligência manifesta de forma diferente da convencionalizada na escola é, para o professor, um exercício diário, muitas vezes uma violência para com seus valores pessoais e profissionais. Porém... é antes de tudo um exercício de tolerância e de respeito ao próximo, conceitos universais e essenciais na Educação.

Podemos, então, propor uma hipótese para responder àquela pergunta: “*O que aquele comportamento tão estranho dos alunos denuncia?*”. Ora, denuncia que levam para a escola um modelo de comportamento social e intelectual desenvolvido para interagir com uma sociedade que não se construiu à forma da cultura escolar. Só isso... E aí, você há de perguntar:

***E daí ???!!!***

Calma, ainda não acabei, ora... Precisamos, ainda, ter alguma coisa que convença aos alunos de que pode ser bom para o futuro deles permitir que a escola transforme o modo como se comportam e pensam, porque, sem isso, de certo todos eles hão de preferir ficar do jeito em que estão. Afinal de contas, a cultura escolar, para nós brasileiros, é muito chata mesmo, além de parecer muito diferente de nossa vida cotidiana. Para alguns alunos, a coisa pode ser ainda pior: aquiescer à cultura escolar, seus hábitos e sua forma de pensar, pode significar a perda de suas marcas sociais, de seus vínculos afetivos extra-escolares ou até de suas condições imediatas de sobrevivência. A confiança no papel que a escola possa ter em seu futuro não pode em, nenhuma circunstância, banir dos alunos a possibilidade de transitar entre os dois mundos: o da cultura escolar e o seu próprio, no qual estão as suas vidas e os seus desejos.

Tal condição prévia para o convencimento do aluno – aliás, do aluno e de nós mesmos – pode se assentar na convicção de que é possível transitar entre as culturas escolar e cotidiana (extra-escolar) sem perda de identidade cultural. Este é o sentido verdadeiro da tendência da Educação contemporânea, ao se considerar a necessidade de respeito à história de vida de cada um. O modo particular como a escola lida com a inteligência humana não mais se compreende como o modelo social a ser imposto aos alunos e sim, como um modo a mais de se estar no mundo real, em favor

dele mesmo e não, de uma cultura que um dia se idealizou como perfeita, mas acabou por se tornar excludente e preconceituosa. Em uma relação educativa que se estabelece na ordem do respeito às formas culturais de alunos e professores, se estabelece uma relação de mútua parceria, um acordo de cooperação em que ninguém sai ferido ou magoado.

Pronto! Agora já podemos começar a falar do planejamento do nosso trabalho junto ao aluno, em favor deste e de nós mesmos. Além de referências contextualizadas sobre o sujeito escolar, contamos até aqui com um conceito fundamental para a caracterização do papel social do professor. Trata-se do conceito de ***modo de pensamento***, o qual podemos definir como a forma através da qual a inteligência humana se organiza para interagir com o mundo. Comentamos, também, que o modo de pensamento escolar é diferente do modo de pensamento extra-escolar e que ambos estão associados a modelos culturais. Denominemos, então, o modo de pensamento extra-escolar como ***modo narrativo*** de pensamento (ou ***modo cotidiano***), o qual reflete exatamente a forma como cada cultura interage com o mundo, seja na prática de ações, seja na sua interpretação. Já o modo de pensamento escolar, derivado da cultura científico-cartesiana da Idade Moderna, pode ser denominado ***modo científico*** do pensamento, cujas propriedades somente serão equivalentes às do modo narrativo, caso a cultura de determinada sociedade tenha as mesmas características da cultura idealizada pela Sociedade Moderna.

Um das mais marcantes características da cultura científico-cartesiana é o privilégio à escrita, não somente como uma tecnologia de construção e veiculação de conhecimentos, mas, sobretudo, como uma resposta ao desejo de idealização do mundo e de sua conformação a parâmetros e regras rigidamente tecidos pela ciência, ou pela cultura organizada em torno da ciência. Todo o comportamento do homem pertencente a uma cultura dominada pela escrita se modeliza a uma percepção de mundo cujo olhar se desvia da realidade concreta (em constante ação e sujeita a transformações a todo instante), para se concentrar numa realidade que é mera idéia de alguém, estática e, no momento em que se lê, não sujeita a mudanças. Este tipo de comportamento, derivado de um modelo inspirado nas condutas cartesianas do *método científico*, exige do sujeito todo um esquema de organização cognitiva, do qual resulta um modo muito particular de pensar, ou seja, o modo científico. Este, por sua vez, exige do sujeito um modelo de organização social e psico-motora extremamente rigoroso com relação à atenção e à organização espacial. Historicamente, a escola assumiu o papel de condicionar os alunos, tanto ao modo científico, quanto à escrita, à leitura de um mundo escrito (estático e idealizado) e a uma série de outros comportamentos, como a escuta ordenada, a marcha ordenada, o controle do tempo social e biológico etc.

Os padrões de comportamento determinantes da ação da escola sobre o aluno têm sido hoje severamente questionados, haja

vista o fato de que, na sociedade contemporânea, já se denunciam dois aspectos revolucionários, relativamente ao modelo da Sociedade Moderna: (i) o desenvolvimento de formas de captura científica do mundo para fins de investigação, sem perda de sua fisionomia real, atual e mutante, através das hipermídias, deste modo fragilizando-se o mito social da escrita; (ii) a perda de credibilidade nas intenções da Sociedade Moderna, relativamente à construção de uma sociedade universalmente beneficiada pelo conjunto de regras e padrões de comportamento social defendidos até então, deste modo fragilizando-se a capacidade de a escola intervir sobre o comportamento dos alunos, a partir das relações convencionalmente adotadas no cotidiano escolar.

Observe-se, todavia, que os aspectos sob questionamento hoje em dia na ação da escola sobre o aluno recaem exclusivamente sobre padrões de comportamento social. Não está sob questionamento o *modo científico* de pensar o mundo e sim, as formas como o modo científico foi se estruturando ao longo dos últimos cinco séculos. Assim, por exemplo, quando se diz aqui que o mito da escrita começa a cair em descrédito, não se está por dizer que a escrita perdeu sua razão de existir na vida humana e sim, que outras formas de escrita do mundo se desenvolveram, permitindo ao homem representá-lo de formas as mais diferentes, com outros formatos de texto, verbais e não verbais, orais, visuais, mistos e tantos outros. Obviamente, uma escrita de mundo que faculte ao homem registrar uma percepção não estática da realidade, faculta-

lhe operar cientificamente sob padrões de comportamento absolutamente inéditos. Por isso, o aluno é tão refratário a tudo o que a escola lhe propõe, ou a deixa perplexa sempre que se põe em ação diante de algo que lhe pareça poder ser tratado de forma pós-gráfica, ou *pós-moderna*. Enquanto, para a escola, ler o mundo é sentar diante de um livro e absorver o que ele tem a dizer, para o aluno, é sair pelo mundo, observando e trocando informações.

O modo científico do pensamento concorre para o desenvolvimento de um olhar ainda mais complexo de mundo, com o qual se exercita a possibilidade de estender a observação imediata para além dos horizontes, em busca de *generalizações*. E das generalizações... o desenho do futuro, da imaginação, a partir da *abstração*.

### ***Chegamos ao ponto, finalmente!!...***

Pergunta-se:

*(i) um cidadão que não desenvolve a curiosidade pela compreensão de tudo a sua volta, pode ser um cidadão consciente?;*

*(ii) um cidadão que não é capaz de expressar suas idéias, seus desejos e seus planos através de diversas formas, pode se dizer integrado a um mundo que se comunica cada vez mais pela Internet?;*

*(iii) um cidadão que não usa de sua experiência para buscar*

*generalizações, pode ser um cidadão que aprende com o vive por si mesmo?;*

*(iv) um cidadão que não é capaz de explorar sua capacidade de abstrair, pode planejar o seu futuro?*

Se você respondeu “não” a todas as perguntas acima, acabou de descobrir qual o papel da escola na formação intelectual do aluno e, ao mesmo tempo, qual o significado do **Letramento** na vida de todo mundo. Quando estiver pensando em seu planejamento, pense, antes de tudo, na formação de seu aluno para o exercício pleno da cidadania quando se tornar adulto, em um mundo no qual o hipertexto já se tornou a base das representações sociais e a cultura, uma construção coletiva e transitória. Este é um movimento integrado, de todos os professores, unidos na busca de uma ação em favor do processo de letramento do aluno, levando-o, não somente a compreender como o modo científico do pensamento pode transitar em seu próprio mundo, mas, também, como pode auxiliá-lo a desenhar um futuro em sua vida. O desenvolvimento do letramento implica proporcionar ao aluno integrar o modo científico ao modo cotidiano do pensamento, o que significa negociar novas alternativas de comportamento, de escuta do outro, de observação dirigida, de atenção e concentração, de postura motora etc.

Em síntese, o letramento envolve a formação de leitores de mundo capazes de explorar múltiplos significados da realidade imediata (o contexto sócio-cultural imediatamente vivido pelo

aluno) e da realidade para além do imediato (o contexto social global). Envolve, ainda, o desenvolvimento, nos leitores, de um olhar para o mundo que vá além do dado apresentado, vá ao genérico, ao abstrato, permitindo-lhe formular seus próprios conceitos. Não é possível para ninguém desenvolver nada disso, caso o modo narrativo de pensamento não se permita integrar ao modo científico de forma consciente e sincera, pois, especialmente no caso de culturas orais como a do Brasil, as diferenças entre os dois modos do pensamento são muito grandes, tal como se pode observar no quadro abaixo:

**Quadro 1**  
**PROPRIEDADES DOS MODOS**  
**NARRATIVO E CIENTÍFICO DO PENSAMENTO**

<b>Modo Narrativo</b>	<b>Modo Científico</b>
Centrado na realidade <u>presente</u> e imediata de mundo	Centrado na percepção de uma fração da realidade de mundo, de caráter abstrato e simbólico
Despreza o futuro e dedica pouca atenção à análise do passado	Privilegia a análise do passado, como forma de preparar um futuro melhor
Opera sob um esquema de atenção multidirecional, projetando-se, ao mesmo tempo, sobre diversos focos de atenção	Opera sob um esquema de atenção concentrada em apenas um foco, desprezando o seu contexto
Demanda um esquema psicomotor em constante ação diante do mundo, resultando no privilégio ao movimento e à agitação	Demanda um esquema psicomotor em repouso diante do foco de atenção, resultando no privilégio ao estático, à calma, ao silêncio
Privilegia esquemas de ação que se organizam à medida que agem sobre o mundo	Privilegia esquemas de ação que somente se põem em ação sobre o mundo após planejamento prévio
Privilegia acordos orais, negociados caso a caso, conforme as relações que se estabelecem a cada contrato	Privilegia acordos escritos, normatizados e formalizados, não necessariamente controlados por acordos inter-pessoais



Centraliza a experiência intelectual no sujeito, caracterizando-a como fenômeno profundamente marcado sócio-afetivamente	Centraliza a experiência intelectual no objeto/foco da atenção, caracterizando-a como fenômeno isolado de questões afetivas pessoais
--	--

Olhe para o Quadro 1 e verifique qual o modo do pensamento que a cultura brasileira tende a privilegiar fora da escola... Agora, pense em seus alunos em sala de aula, analise seu comportamento e verifique a possibilidade de responder àquela nossa pergunta anterior – *“Bolas, o que eu estou fazendo aqui, se esses alunos não querem nada, não aprendem nada, não têm um pingão de educação, só faltam se matar??”* – a partir do que vimos aqui... A verdadeira dimensão social de nosso trabalho junto ao aluno reside justamente na formação de um cidadão capaz de compreender quando e como se posicionar no mundo de modo científico e quando se posicionar de modo narrativo. O ato de planejar o ensino é antes de tudo uma tomada de posição quanto ao papel de cada professor diante do letramento do aluno, no âmbito do qual se define verdadeiramente a Educação para o Brasil contemporâneo.

### ***E o conteúdo programático??!!***

O conteúdo programático só faz sentido para quem interage com a cultura científica cotidianamente e confia nela. Grande parte

do conteúdo escolar não tem nada de científico... é apenas um arranjo de fatos colhidos na história cultural do homem moderno, com a finalidade de formar um modelo, ou um mito, social. Do restante, boa parte tem sofrido severas críticas pela própria ciência, que vem buscando freneticamente superar sua fragilidade, tal como as matemáticas, por exemplo, em busca de um modelo operacional que vá além da lógica cartesiana, para dar conta de complexidade de todo sistema de verdade. No fundo, o conteúdo programático sempre foi um “brinquedo” social, um pretexto para formar o homem da cultura científica, através de práticas sociais e escolares rígidas e opressoras. Pois que façamos uso dos conteúdos com o mesmo sentido: *brinquedos*, porém utilizados em favor da descoberta de potencialidades, da descoberta de novas formas de ver e analisar o mundo, bem como da construção de uma sociedade em que as diferenças sejam respeitadas e legitimadas como fontes de crescimento mútuo.

O desenvolvimento do aluno como leitor do mundo contemporâneo não se dá exclusivamente a partir da oferta de textos escritos, tomando-se da leitura como um processo que se desencadeia exclusivamente a partir do domínio do código escrito. Ao contrário... o domínio do código escrito permite ao aluno tão somente reconhecer palavras, isoladamente ou em conjuntos aparentemente interpretados como textos. A maioria dos nossos alunos já domina o código escrito a ponto de reconhecer as palavras. Isto, porém, não os torna leitores verdadeiramente, como

podemos constatar quando lhes pedimos que nos apresentem um retorno pessoal acerca do conteúdo do texto: eles, de fato, não leram... simplesmente passaram pelo texto e nada mais. Para tornar-se um leitor -- *de textos de todos os tipos, inclusive os das ciências matemáticas* -- é preciso estar predisposto a mergulhar no texto com o modo científico do pensamento, o que, como vimos aqui, implica estar predisposto a interagir com aquele pedacinho de mundo através de padrões de comportamento e estratégia cognitivas diferentes das que se empregam no modo narrativo.

Eis, assim, o contexto interdisciplinar do trabalho com o Letramento no Ensino Básico – um contexto no qual todos participam do desenvolvimento de algum aspecto que proporcione ao aluno a experiência de se posicionar diante do mundo de forma científica. Você pode ler mais sobre a questão do planejamento e sua relação com o processo de letramento nos textos disponíveis no site <http://www.senna.pro.br/biblioteca.htm>, ou na bibliografia sugerida abaixo:

- CASE, R (1996) "Mudanças nas visões do conhecimento e seu impacto sobre as pesquisas e a prática educacional". In: OLSON+TORRANCE. (Eds.) Educação e desenvolvimento humano. Trad.Port.: Porto Alegre, Artes Médias. pp: 73-91.
- GIORDAN, A et G. De VECCHI (1996) As origens do saber – das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos. Porto Alegre, Artes Médicas.
- KRUGER + TOMASELO (1996) "Aprendizagem cultural e cultura da aprendizagem". In: OLSON+TORRANCE. (Eds.) Educação e

- desenvolvimento humano. Trad.Port.: Porto Alegre, Artes Médias. pp: 306-321
- LEVY, P. (1987) A máquina universo – criação, cognição e cultura informática. Trad. Port.: Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
- LEWIS, M (1997) "Newton, Einstein, Piaget e o *self*". In: Alterando o destino. Trad.Port.: São Paulo, Moderna. pp: 139-165.
- OLSON et BRUNER (1996) "Psicologia popular e pedagogia popular". In: OLSON+TORRANCE. (Eds.) Educação e desenvolvimento humano. Trad.Port.: Porto Alegre, Artes Médias. pp: 21-55.
- SACRISTAN + GÓMEZ (1996) Compreender e transformar o ensino. Trad.Port.: Porto Alegre, Artes Médicas.
- SANTOME, J (1996) Globalização e interdisciplinariedade. Porto Alegre, Artes Médicas. pp: 27-94.
- STANOVICH + STANOVICH (1996) "Repensando o conceito de distúrbio de aprendizagem: o fim da discrepância entre aptidão e desempenho". In: OLSON+TORRANCE. (Eds.) Educação e desenvolvimento humano. Trad.Port.: Porto Alegre, Artes Médias. pp: 106-129.
- VILLELA, H. (2000) "O mestre-escola e a professora". In: 500 Anos de Educação no Brasil. B.Horizonte, Autêntica. pp: 95-134.

*RESUMEN: La problemática del Letramento en la Enseñanza Básica brasileña demanda una toma de posición de la escuela como un todo, en favor del desarrollo interdisciplinar y cooperativo de los estados cognitivos que permitan a los alumnos construir una identidad de lectores del mundo. Este texto presenta un estudio del Letramento en el interior de la escuela, visando a atender las necesidades de los sistemas públicos de Educación en Brasil, en los que concurre una compleja tensión entre valores sociales que necesitan convergir al sentido de la tolerancia y la interculturalidad.*

*Palabras-Claves: Letramento, planeamiento interdisciplinar, modos del pensamiento*

*ABSTRACT: Literacy in Brazilian Basic Education demands the decision of School as whole, towards interdisciplinary and cooperative development of cognitive states that allow students to construct an identity of one who reads the world. This paper presents an approach of Literacy in school context, intending to satisfy the necessities of public educational systems in Brazil, in which concurs a complex branch of social values that need converge to tolerance and multiculturality.*

*Key-Words: Literacy, interdisciplinary planning, knowledge modes*